o discurso do psicanalista: topologia e clínica

MARIA ANGÉLIA TEIXEIRA

A ESCRITURA DOS QUATRO DISCURSOS amplia a possibilidade de realizarmos uma leitura topológica da clínica psicanalítica. Define lugares, particularmente o lugar onde o analista opera e o lugar onde o analisante se engaja no trabalho da análise. Isso é evidente no matema do discurso do analista e no do discurso da histérica.

Define também a possibilidade de um sujeito mudar de posição conforme o discurso, não ocupando apenas a posição alienada de escravo, determinada no discurso do mestre, condição de sua constituição, na qual um significante o representa para um outro significante.

Os quatro discursos (do psicanalista, do mestre, da histérica e da universidade) propostos na teoria de Jacques Lacan, evidentemente, obedecem a certos princípios. Alguns deles devem ser situados para tornar claro o propósito deste trabalho.

O ponto de partida é condicionado pelo princípio que estabelece que a mudança de discurso não pode ser tomada enquanto série histórica contínua, mas enquanto emergência de efeitos significantes a partir da estrutura do discurso do analista.

Em seguida, deve-se considerar que um discurso se esclarece a partir de um outro, por regressão ou por progressão, tomando sempre como referência o discurso do analista: o discurso da universidade produz-se girando-se um quarto de volta por progressão, e o da histérica, um quarto de volta por regressão, a partir do discurso do analista. Esse princípio estabelece que não há discurso isolado e que a legitimação de um é dada pela presença dos outros, livrando a psicanálise de qualquer ideal solitário.

[1] LACAN. *O seminário* – livro 20, p. 26-27.

Discurso do Mestre

impossibilidade

$$\frac{S_1}{\not S} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

Discurso da Universidade[1]

$$\frac{S_2}{S_1} \longrightarrow \frac{a}{\not S}$$

impotência

se esclarece por "regressão" do:

Discurso da Histérica

$$\frac{\not S}{a} \longrightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

impotência

se esclarece por "progresso" no:

Discurso do Analista

impossibilidade

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{\not S}{S_1}$$

O terceiro princípio estabelece que um discurso é aquilo que faz laço social determinado por uma prática; prática de uma análise, quando se trata do discurso do psicanalista.

O quarto princípio define estruturalmente quatro lugares fixos, quais sejam: o agente, o outro, a produção e a verdade, e quatro letras que giram um quarto de volta, obedecendo à lógica da permutação circular, escrevendo-se: o significante mestre, S_1, o significante do saber, S_2, o objeto a, definido como mais-de-gozar e causa do desejo, e o que representa o sujeito dividido.

Os lugares:		As letras:
o agente	o outro	S_1, o significante mestre
		S_2, o saber
a verdade	a produção	$\not S$, o sujeito
		a, o mais-de-gozar

Por sua vez, o quinto princípio descreve o modelo chamado por Lacan de quadrípode giratório, por ser construído como uma variação do tetraedro, figura tomada emprestada da matemática, por intermédio da qual, ele marca, com a retirada de um dos seus lados, a presença da impossibilidade na estrutura.

O último princípio, mas não menos importante dentre os já citados e que poderia também ser o primeiro, trata de evidenciar que o discurso do psicanalista se origina como o avesso do discurso do mestre, não sendo possível passar diretamente de um ao outro, a não ser passando pelo discurso da histérica, ou pelo discurso da universidade.

É certo que, marcado pelas teorias estruturalistas do discurso, pela proposta da análise do discurso, particularmente pelas idéias de Foucault, Lacan, já nos seus primeiros textos, faz intenso uso do termo discurso, chegando mesmo, nesse período, a enunciar que o inconsciente é o discurso do Outro. Entretanto, somente em 1969, ao realizar o seminário "O avesso da psicanálise", formula, com a teoria dos quatro discursos, sua própria concepção de discurso, que se pode considerar concluída em 1973, no seminário "Mais Ainda".

Entre a concepção de estrutura de linguagem e a de estruturas de discurso, foram dados largos passos. Pode-se considerar a segunda como uma requintada elaboração psicanalítica da primeira, e, ainda que Lacan torne evidente que o ponto de partida para definir clinicamente as estruturas continue sendo a estrutura de linguagem, com os discursos, ele inaugura uma nova reflexão topológica sobre o conceito de estrutura.

Os discursos podem ser definidos como modos de ordenar a linguagem. Uma espécie de máquina que atribui lugares cujas bases partem da exterioridade do S1, e, enquanto laços sociais instauradores de aparelhos de gozo, em sua materialidade significante, determinam a realidade. O que permite concluir que toda realidade é de discurso.

Há ainda uma consideração sobre os discursos que merece ser evocada, por ressaltar, nessa estrutura, a diferença entre significante e palavra: o discurso é sem palavras. Ele ultrapassa a palavra porque esta é sempre ocasional, enquanto que o discurso representa a estrutura significante.

Pode-se dizer que a teoria dos quatro discursos instaura um segundo tempo da teoria da linguagem, marcado pelas conseqüências da formalização do objeto a, não apenas por ser este definido como um elemento heterogêneo ao significante, em sua posição de "extimidade" na estrutura, mas, sobretudo, por trazer a determinante presença da pluralidade dos gozos mais além da causa do desejo ou mais-de-gozar.

Trata-se de uma mudança de perspectiva que instaura uma nova concepção da economia do gozo, cuja reordenação põe em jogo uma entropia reguladora da perda, recuperação e excesso, possível de demonstrar que nada é capaz de apreendê-

lo completamente, restando sempre algo que transborda e que é impossível de ser capturado no incessante movimento de deriva que lhe é próprio.

O que aqui se considera segundo tempo da teoria da linguagem está sustentado pelo que Lacan propôs chamar de "campo do gozo", bem representado na topologia dos discursos que introduzem fundamentalmente a concepção da paixão do significante pelo gozo, a partir da qual o discurso como máquina se aparelha para tratar o real de onde surge o sujeito sobre o qual opera a psicanálise.

A partir de então, tudo que estava em jogo na função da fala e no campo da linguagem passa a ser reordenado pela estrutura tetraédrica do discurso, cuja topologia apresenta fundamentalmente a dimensão de gozo do sujeito e do significante.

Se o conceito de objeto a veio redimensionar o campo do gozo, inaugurando a causa do desejo como mais-de-gozar, simultaneamente evidenciou os modos de gozo dos significantes, em uma espécie de demonstração de que o gozo é a finalidade última do significante.

As demais letras que compõem os discursos — S_1 e S_2 — são definidas como modalidades de gozo, e o sujeito () fica colocado como resposta do real. O significante mestre, S_1, é definido como o gozo do encontro marcado com a falta, e o S_2, o significante binário, em que o saber é definido como meio de gozo.

Deve ficar evidente que a definição isolada de cada letra e lugar toma novo valor quando estes se conjugam, formando novas combinatórias em cada um dos discursos. Surge, assim, uma nova forma de escrever a pulsão, que, em seus recortes parciais, apresenta o vazio do referente do seu objeto e sinaliza para a impossibilidade da existência de um objeto que complete o gozo.

A definição dos discursos como laços sociais que representam o campo do gozo causa uma reviravolta moebiana no que até então era concebido como campo da linguagem.

A conseqüência mais essencial dessa torção encontra-se no âmbito da clínica, pois a torção moebiana do campo do gozo a partir do campo da linguagem coloca esta no campo do real, mudando a direção da cura em vários níveis, inclusive em suas ambições terapêuticas.

A clínica passa a ser regida pela definição do campo da linguagem e do gozo no real, recolocando, com o discurso do psicanalista, que se ordena pela castração, o impossível de dizer

e de escrever na clínica.

Igualmente, os outros três discursos são ordenados pela castração, razão pela qual Lacan diz tê-los deduzido do discurso do psicanalista.

Os laços sociais imprimem suas práticas. No caso da psicanálise, a prática de falar ganha valor máximo e se faz ato, revelando que falar sob transferência, no dispositivo psicanalítico, ganha especial dimensão de gozo.

A teoria dos quatro discursos permite estabelecer, de forma inusitada, a posição do analista e a do analisante na entrada e no final de uma análise, redimensionando as questões relativas às estruturas clínicas.

O ponto de partida do ato psicanalítico é o discurso do psicanalista. Entretanto, para haver entrada em análise, é necessário que aquele que demanda uma análise esteja posicionado no discurso histérico enquanto sujeito desejante, exibindo de modo patente o inconsciente em sua dimensão de saber. "... o histérico é o sujeito dividido, dito de outra maneira, é o inconsciente em exercício, que põe o amo ao pé do muro para produzir um saber".[2]

[2] Lacan. Radiophonie, p.89.

O discurso da histérica revela que no inconsciente trata-se de saber, logo, sua premissa está fundada em desejar saber. Entretanto, não se trata de um saber qualquer, porém, de um saber inconsciente sobre o gozo, que, em última instância, é o que se espera que o mestre produza. O problema é que a produção de saber nesse discurso apresenta-se impotente, por não se conectar com o objeto a — causa de desejo — colocado no lugar da verdade [a/S_2 - a/S_2].

Nesse discurso, o sujeito dividido ocupa o lugar do mestre, ou seja, do comando, e dirige-se ao S_1, ao significante-mestre, situado no lugar do outro, para dominá-lo [$\$ \longrightarrow S_1$], no sentido de fazê-lo produzir um saber sobre o gozo [$\$ \longrightarrow S_1/S_2$]. Seja como for, o discurso histérico evidencia que se produz saber no inconsciente e, mesmo sabendo de sua impotência, põe o inconsciente em exercício. Tal discurso quer produzir o saber ao preço de recalcar o objeto a, situado no lugar da verdade. Sua impotência está em não conectar o saber com o gozo que o causa. Recalca o gozo do corpo como seus sintomas revelavam, [$a \longrightarrow S_2$], elevando o corpo à dignidade de sintoma para com ele desafiar a ordem vigente, precisamente incorporada pelo saber médico. Foi necessário, portanto, o advento do discurso psicanalítico para dar ao sintoma histérico o estatuto de discurso, e, finalmente, pode-se dizer que o laço que o discurso da histérica produz é fazer desejar.

A condição necessária para iniciar o ato analítico é a histerização do discurso do sujeito. Em outras palavras, é a presentificação, mediante condições artificiais do discurso da histérica, que dá as condições, do lado do analisando, para que haja a entrada em análise, caso haja um analista sustentado pelo discurso do analista, do outro lado, para instaurar o dispositivo. Ou seja, o discurso analítico só pode operar se encontra o sujeito posicionado como desejante, tal qual se apresenta no discurso histérico, cuja demanda ao Outro se sustenta de supor saber ao inconsciente.

Contudo, a partida analítica apenas se inicia se e somente se o analista responde de um outro lugar que não aquele esperado pela histérica, em que aparece um mestre encarnando a potência fálica do S_1, ao qual atribui um saber (ainda que castrado), na expectativa de que ele possa restituir-lhe o objeto que falta para completar seu gozo e eliminar sua insatisfação.

A partir do discurso do analista, este faz o que lhe é devido, interrogar o sujeito sobre o gozo que causa seu desejo, sustentado pela verdade do saber do inconsciente, que é impossível de ser toda dita, para que o analisante possa então produzir aquilo que lhe é particular, a saber, o S_1.

A formulação clínica apresentada pela teoria dos quatro discursos pode ser economicamente expressa como se segue: o que o sujeito analisante, na prática psicanalítica, produz de mudança é a passagem do discurso da histérica para o discurso do psicanalista, o que implica, necessariamente, na realização de um novo modo de circulação dos discursos entre si.

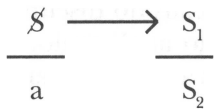
Passar ao discurso do analista implica operar um quarto de giro onde o objeto a é colocado no lugar do agente do discurso, definindo a posição de semblante de objeto a do analista. No lugar do outro, está colocado o sujeito desejante interpelado sobre a causa da sua divisão, conectado com o que causa seu desejo[3] [a $\rightarrow$ S], e onde o saber, no lugar da verdade, condiciona a asserção de que não há relação sexual[4] [S_2 / S_1]. Esse discurso vem esclarecer que a ordenação dos discursos se faz com a presença estrutural da impossibilidade em lugar da equivocada posição de impotência do neurótico. Os efeitos aqui considerados demonstram que mudar de discurso, ou seja, mudar de razão, implica mudar as posições de gozo do sujeito.[5]

[3] Cf. Lacan. Radiophonie, p.20.

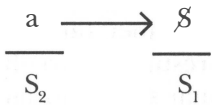
[4] Cf. Lacan. Radiophonie, p.22.

[5] Cf. Lacan. Radiophonie, p.26.

Discurso da Histérica



Discurso do Analista



É necessário incluir nessas considerações o elemento transferência. Em primeiro lugar, a histerização do discurso coloca o sujeito em uma posição na qual se torna possível instaurar o sujeito suposto saber, condição da entrada e da travessia de uma análise. Em segundo lugar, é necessário que o final de uma análise tenha realizado um giro de um quarto de volta à direita, passando-se, desse modo, do discurso da histérica ao discurso do analista, na realização da dessuposição de saber e na destituição subjetiva do outro.

Essa operação só se dá no dispositivo analítico, entendido em sua dimensão de ato, em que o analisante pode encontrar os recursos para "saber lidar com seu sintoma".[6] Particular operação analítica à qual se deve chegar, que se constitui no avesso daquela do saber fazer do escravo no discurso do mestre, que tinha o saber e o gozo alienados ao mestre. "Saber lidar com" implica uma nova relação com o gozo inconsciente do sintoma em sua dimensão real. "Saber lidar com" é, sobretudo, um modo novo de tratar a impossibilidade da relação sexual que se chama castração.

Situar o discurso do analista como sendo o avesso do discurso do mestre significa que esse novo laço social (essa nova realidade) é regido por um gozo que é avesso ao domínio e à escravidão do outro, seja no sentido de governar, como se apresenta no discurso do mestre, seja no sentido de educar, como no discurso da universidade. Fica assim o discurso analítico solidário ao discurso da histérica, pela interrogação e recusa que ambos fazem aos discursos dominantes que nada querem saber do inconsciente; sobretudo o discurso do analista

[6] Lacan. Les identifications. (16/11/77). In: Lacan. *Le seminaire* — livre XXIV: L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Inédito.

quer escutar a demanda manifestada no discurso da histérica, que insiste em fazer aparecer o sujeito do inconsciente apresentado pelos seus sintomas, insistindo em interrogar acerca da relação do homem e da mulher.

O discurso do psicanalista evidencia que as estruturas dos três outros laços sociais, que são igualmente laços de gozo, são determinadas por uma impossibilidade estrutural cujo nome freudiano é "castração", traduzida por Lacan pelo enunciado "não há relação sexual", e que se demonstra nesse discurso pela impossibilidade de conectar diretamente o significante-mestre no lugar da produção ao saber no lugar da verdade.

Incompleto o campo da linguagem pela impossibilidade de o real fazer um todo, o enodamento do real, do simbólico e do imaginário, que constitui o campo da linguagem, passa a ser definido como um campo regido por uma outra lógica, que, em contraponto à universalidade da verdade do falo, será chamada de lógica não-toda.

A teoria dos quatro discursos vem essencialmente formalizar uma concepção clínica baseada nesse novo paradigma situado mais além do Édipo que se chama Campo do gozo.

O discurso do analista traz, na parte superior do matema, o objeto a situado no lugar do agente, de onde o analista se faz, quando possível, semblante de objeto a, sustentando em ato o silêncio, de onde acolhe a suposição de saber que lhe é endereçada pelo sujeito do discurso histérico. Dirige-se ao lugar do outro que deve estar ocupado pelo sujeito dividido do inconsciente, interrogando-o sobre a causa do seu desejo. Diante desse sujeito desejante, cujo ser é de fala, o analista demanda — sua única demanda — que o analisante fale. Não uma fala qualquer, porém, no cumprimento da regra fundamental para instauração de uma análise, que fale em associação livre, para colocar no lugar da produção, no andar inferior à direita, os significantes mestres, aqueles que singularizam os seus gozos. Ainda na leitura do andar superior, deve-se ressaltar que o discurso do analista é o único a tomar o outro como sujeito desejante.

> Não devemos crer que sejamos, de modo algum, nós mesmos que suportamos o semblante. Nós nem mesmo somos semblantes. Somos, ocasionalmente, o que pode ocupar o seu lugar, e nele fazer reinar o quê? — o objeto a. O analista, com efeito, de todas as ordens de discurso que se sustentam atualmente, é aquele que, ao pôr o objeto a no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que é justo, a saber, interrogar como saber o que é da verdade.[7]

[7] LACAN. Les identifications. (16/11/77). In: LACAN. *le seminaire* — livre XXIV: L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Inédito.

Passar então ao andar inferior do discurso implica encontrar, no lado direito, a produção do enxame dos significantes mestres, [S_1, S_1, S_1], em sua produção de gozo do S1, apartados como estão do S_2, pela descontinuidade que há entre o lugar da verdade, onde está situado o S_2, e o lugar da produção, onde está situado o S_1. Aqui aparece, na estrutura, o que Freud chamou de castração, redefinida por Lacan como uma função puramente lógica de um impossível da estrutura que toca o real e concerne a todo ser falante.

Essas implicações clínicas fazem com que seja preciso dizer mais sobre as conseqüências de se produzir, no trabalho analítico, o S_1 desarticulado diretamente do S_2, da cadeia significante. Pode-se, em um esforço de objetivação, considerar que essa operação pretende abalar a incondicional demanda do analisante ao outro (em todas as suas formas) e abolir as certezas das suas produções imaginárias edípicas sustentadas nos significantes do Outro e nos seus ideais identificatórios.

A disposição do S_2 no lugar da verdade sustenta, no andar superior à esquerda, o analista posicionado como semblante de objeto a, quando faz silêncio, e, igualmente, sustenta o lugar de onde o analista interpela o sujeito sobre a causa do seu desejo, em linha diagonal dirigida ao andar superior à direita, convocando-o a falar, como lhe é devido, não importa o quê.

Todo esse trabalho visa à produção de uma nova articulação de gozo que está dada pelo posicionamento de S_1 no lugar da produção, aquela que coloca a impossibilidade no lugar da impotência, que aqui está sendo proposto chamar momento de extração de um gozo mais além do Édipo, mais além do pai.

Seria bom configurar esse momento de conclusão como um momento de consentimento com a castração. A partir das posições estabelecidas pelo discurso do psicanalista, instauram-se outras condições com as quais será preciso saber lidar, que não aquelas do escravo no discurso do mestre, que aliena seu saber e o seu gozo ao Outro, porém um saber lidar (*savoir y faire*) em ato com o gozo do sintoma, construído na operação analítica.

Assim sendo, o discurso do analista, ao sustentar essa impossibilidade de conectar o S_1 ao S_2, em cujo intervalo, no discurso do mestre, viu-se aparecer recalcado o sujeito desejante, faz aparecer o sujeito em uma nova posição, que é a de ser causado pelo gozo do objeto a, não mais em uma posição de absoluto assujeitamento aos significantes do outro, como se observou no discurso do mestre. Essa nova posição do sujeito

Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo - SP

no discurso do psicanalista resulta da destituição subjetiva, operação que se espera realizar em uma análise.

Somente no discurso analítico a flecha que une [S_2 / S_1] está interrompida, só podendo ser articulada por um caminho retrógrado. Tal configuração, na qual não estão diretamente conectados o significante mestre e o saber, que leva à produção isolada do S_1, constitui uma nova ordenação da cadeia significante e não sua desarticulação. Assim, pode-se manifestar o gozo do S1, aqui situado mais além do gozo fálico, aquele que se apresenta no real, como o significante novo.

Há, portanto, evidentes ampliações e rupturas nos modos de gozo do sujeito na prática analítica. Em uma perspectiva, como causa de desejo, o analista faz semblante de objeto a, permitindo ao sujeito inscrever sua fantasia regida pela lógica Edípica. Em uma outra, produz e é produzido pelo gozo do S_1, situado nesse específico lugar discursivo, que é aquele que se situa mais além do Édipo, mais além da significação fálica, que não mais funciona com a ilusão de que se satisfaria se o Outro o completasse, consentindo que não há garantia nem completude entre ele e o outro porque ali reina o gozo do Um:

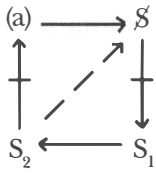
$$S_2 // S_1$$

Quanto ao S_2, nele encontra-se o meio-de-gozo para meio-dizer a verdade, com o qual sustenta o gozo de falar, que Lacan chamou de "uma outra satisfação".

Para concluir, será necessário recorrer à leitura do discurso do psicanalista feita por Lacan nas conferências realizadas nos Estados Unidos. Nela, divide o discurso em dois lados. No lado esquerdo, situa os lugares de onde opera o analista, de onde ele maneja a transferência e interpreta. No lado esquerdo superior, aquele onde faz semblante de objeto a, o analista é silêncio e é presença. No lado esquerdo inferior, conhecido como saber no lugar da verdade, encontra-se a posição de onde o analista interpreta, na condição de só poder semidizer a verdade.

No lado direito, situa-se no andar superior o lugar de onde o analisante é convocado a operar com seus enunciados referendados no saber do inconsciente, e, no andar inferior, o lugar onde produz seus significantes singulares de gozo:

semblante de objeto (silêncio)



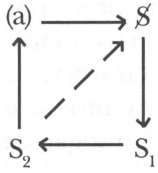
o que se enuncia

meio-dizer da verdade

o que não se diz

semblante de objeto (silêncio)

saber do inconsciente



meio-dizer da verdade

o que o inconsciente produz,
mais-de-gozar,
ser falante[8]

[8] Lacan. Yale University: Iow school auditorium. *Scilicet* (02/12/1975), p.63.

referências bibliográficas

Benveniste, E. *Problemas de lingüística geral I.* Campinas, SP: Cia Editora Nacional/ EDUSP, 1995.

Darmon, M. *Ensaios sobre a topologia lacaniana.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Foucault, M. *Resumo dos cursos do Collège de France.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Foucault, M. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1998.

Foucault, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

Gonçalves, L. H. P. *O discurso do capitalista*: uma montagem em curto-circuito. São Paulo: Via Lettera, 2000.

Granon-Lafont, J. *A topologia de Jacques Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

Krutzen, H. *Jacques Lacan:* seminaire 1952-1980, index référentiel. Paris: Antrophos, 2000.

Lacan, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In:

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, J. *O simbólico, o imaginário e o real*. Inédito.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.496-533.

LACAN, J. *O seminário* – livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Radiophonie. *Scilicet*, Paris, n.2/3, p. 55-98, 1970.

LACAN, J. *Le savoir du psychanalyste*: entretiens de Sainte-Anne. Inédito.

LACAN, J. Du discours psychanalytique. *Bulletin de l´Association Freudienne*, Paris, n.10, p.33-55, dec. 1984.

LACAN, J. *O seminário* – livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LACAN, J. *Le seminaire* – livre XXI: les non-dupes errent. Inédito.

LACAN, J. L'Étourdit. *Scilicet*, Paris, n.4, p. 5-52, 1973.

LACAN, J. *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. (Walter Verlag). Falo 2. Salvador: Fator, 1988.

LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. Autocomentario. *Uno por Uno*, Barcelona, v. 43, p.9-20, 1996.

LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet*, Paris, n.6/7, p.7-63, 1976.

LACAN, J. *Conferencia en Ginebra sobre el síntoma*: intervenciones y textos 2. Buenos Aires: Manantial, 1988.

LACAN, J. Le seminaire – livre XXIV: l'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Inédito.

LACAN, J. *Le seminaire* – livre XXV: le moment de concluire. Inédito.

LACAN, J. Les identifications (16/11/77). *Le seminaire* – livre XXIV. l'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Inédito.

LACAN, J. Yale University: low school auditorium (02/12/1975). *Scilicet*, Paris, n.6/7, p. inicial-final, 1976.

MOTTA, V. D. S. O conceito de estrutura e a dimensão do significante nas formações do inconsciente. 1992. 199 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Inédito.

QUINET, A. O campo da linguagem e o campo do gozo. *Heteridade*, Belo Horizonte, AFCL/IF, n.1, p. 91-103, 2001.

QUINET, A. A clínica do gozo. *Forano*, Juiz de Fora, ano 2, n.2, p. 27-35, abril 2001.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1969.

SOLER, C. *Artigos clínicos*. Salvador: Fator, 1991.

SOLER, C. L'angoisse du prolétaire généralisé. Extraits du cours de janvier 2001. *Link*, Paris, n. 9, mars 2001.

SOLER, C. Le discours capitaliste. *Trèfle:* révue de psychanalyse, Paris, nouvelle série, n.2, p. 163-175, jan. 2001.

SOUZA, P. C. *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática, 1999.

TEIXEIRA, M. A. Uma nova razão. *Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise*, Salvador, ano 3, n. 6, p. 29, nov. 1996.

TEIXEIRA, M. A. Ressonâncias e consonâncias do sintoma. *Revista do Programa de Psicanálise na UFBA*, Salvador, n. 1, p. 122, nov. 1998.

TODOROV, T.; Ducrot, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VEGH, I. (Org.). *Los discursos y la cura*. Buenos Aires: ACME - Agalma, 1999.

resumo

O presente trabalho parte do princípio de que a teoria dos quatro discursos constitui uma teoria sobre o ato psicanalítico que se ordena no campo do gozo, mais além do Édipo, demonstrando uma mudança de perspectiva na clínica psicanalítica.

abstract

This essay starts from the principle that the Theory of the Four Speeches constitutes itself a theory on the psychoanalytical act which is ordenated in the field of the orgasm, beyond the Oedipus, showing a change in the perspective of the psychoanalytical clinic.